

AS NARRATIVAS-AUSENTES NO MUSEU DO FUTEBOL (SP) E O USO IMEDIATO DE TECNOLOGIAS

The absent narratives in the Football Museum and the immediate use of technologies

Las narrativas ausentes en el Museo del Fútbol y el uso inmediato de las tecnologías

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves¹

Resumo: No presente trabalho busca-se expor as narrativas-ausentes no Museu do Futebol (SP) e a possibilidade de utilização da tecnologia para viabilização e ampliação do debate sobre essas narrativas. Para isso, objetiva-se apresentar essas narrativas-ausentes na interseccionalidade entre futebol e museus, destacando os grupos minoritários e dissidentes, assim como, transcorrer sobre as possibilidades usuais da tecnologia para compreender a discussão dessa problemática social, frente às narrativas históricas difundidas e perpetuadas no espaço do futebol brasileiro. Nesse processo, analisou-se o acervo digital e o servidor *Google Arts & Culture* do Museu do Futebol, assimilando seus materiais e suas exposições. Desse modo, são tensionadas as ausências e as presenças simbólicas sobre o futebol e a realidade brasileira.

Palavras-chave: Museu do Futebol. Tecnologia. Narrativas-Ausentes. Grupos minoritários.

Abstract: In the present work, the aim is to expose the absent narratives in the Football Museum (SP) and the possibility of using technology to enable and expand the debate around these narratives. To achieve this, the objective is to present these absent narratives through the intersection of football and museums, highlighting minority and dissident groups, as well as exploring the common uses of technology to understand the discussion of this social issue in light of the historical narratives disseminated and perpetuated in the space of Brazilian football. In this process, the digital collection and the Google Arts & Culture server of the Football Museum were analyzed, assimilating its materials and exhibitions. Thus, symbolic absences and presences in football and Brazilian reality are brought into tension.

Keywords: Football Museum. Technology. Absent Narratives. Minority Groups.

Resumen: En el presente trabajo se busca exponer las narrativas ausentes en el Museo del Fútbol (SP) y la posibilidad de utilizar la tecnología para viabilizar y ampliar el debate sobre

¹ Mestranda em História – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: juliabsvchaves@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0690967214374372>; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-1530-4229>.

dichas narrativas. Para ello, el objetivo es presentar estas narrativas ausentes en la interseccionalidad entre el fútbol y los museos, destacando a los grupos minoritarios y disidentes, así como explorar las posibilidades usuales de la tecnología para comprender la discusión de esta problemática social, frente a las narrativas históricas difundidas y perpetuadas en el espacio del fútbol brasileño. En este proceso, se analizó el acervo digital y el servidor Google Arts & Culture del Museo del Fútbol, asimilando sus materiales y exposiciones. De este modo, se tensionan las ausencias y las presencias simbólicas sobre el fútbol y la realidad brasileña.

Palabras clave: Museo del Fútbol. Tecnología. Narrativas Ausentes. Grupos minoritarios.

Considerações iniciais

A relação Brasil-Futebol é muito bem estabelecida no imaginário histórico mundial, no que se refere ao país do futebol, sendo esse o lugar em que todos estão aptos e podem participar do jogo. No entanto, a realidade que se manifesta é bastante diferente, evidenciando uma estrutura social brasileira que produz narrativas excludentes que percorrem toda sociedade, inclusive, o cenário do futebol. Nesse processo, as narrativas-ausentes manifestam-se no espaço do futebol, sob a perspectiva de embates vociferados nas arquibancadas, no campo, nas mídias (DAMO, 2003). Isso é capaz de construir, consolidar e perpetuar normativas de gênero, de raça e de sexualidade na cultura do futebol, cerceando – com o decorrer do tempo – a presença de grupos dissidentes, como negros, mulheres e comunidade LGBTQIAP+.

Esse fenômeno de exclusão, entretanto, não é recente e pode ser compreendido em relação à persistência da eugenia na sociedade brasileira, que se sustenta sobre o ideal político de submissão ou eliminação de grupos/raças dissidentes (SCHWARCZ, 1993). Nessa configuração da sociedade, em 1921, o presidente Epitácio Pessoa (1919-1922) proferiu a recomendação à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) da presença apenas de jogadores brancos na seleção brasileira para o Campeonato Sul-Americano que ocorreria em Buenos Aires, a fim de projetar uma imagem positiva no exterior (MÁXIMO, 1999). Além disso, o presidente Getúlio Vargas (1931-1945), através do Art. 54, do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, proíbe a prática desportiva de mulheres, alegando que as atividades eram incompatíveis com a natureza feminina. Nesse sentido, consegue-se perceber que o distanciamento de corpos dissidentes do esporte foi algo produzido, por meio de um processo de instrumentalização do futebol à serviço dos ideais dos líderes e da sociedade.

Desse modo, entende-se uma problemática dentro da realidade futebolística brasileira e a urgente necessidade de reversão desse processo, para isso, verifica-se a possibilidade de ampliação dos cenários de discussão sobre a realidade no futebol, a partir dos diálogos possíveis realizados no espaço museal. Por sua vez, a intersecção entre museu e futebol, nos apresenta a potencialidade inerente ao Museu do Futebol (SP) e a tecnologia, que nos permite construir diálogos para além do espaço físico, devido à capacidade imersiva na realidade digital permitida através desse museu. Essa conexão é permitida no contexto das exposições online promovidas pelo museu através do *Google Arts & Culture*, com temáticas variadas, provida de um conteúdo dinâmico, lúdico e interativo.

Com base nisso, este estudo objetiva analisar as exposições virtuais do Museu do Futebol com foco na emergência e no tratamento das narrativas-ausentes, especialmente relacionadas às questões de gênero, raça e sexualidade no futebol. A pesquisa busca entender como as exposições virtuais têm contribuído para a visibilidade de grupos historicamente marginalizados no esporte, incluindo mulheres, negros e a comunidade LGBTQIAPN+. Além disso, investiga-se a representatividade dessas narrativas em relação à masculinidade hegemônica e à exclusão racial, revelando os desafios e avanços nas representações do futebol, bem como a relação entre o contexto social e as temáticas exploradas nas exposições do Museu.

Percurso teórico-metodológico

Para compreender as narrativas-ausentes, primeiro faz-se necessário observar o processo relativo às narrativas históricas estabelecidas e consolidadas na sociedade brasileira. Em foco, entendem-se narrativas históricas enquanto um processo para produzir sentido à experiência do tempo, perpassando pela consciência, memoração e cultura histórica (RÜSEN, 2016), admitindo esses três pilares para construção e perpetuação de uma estrutura cultural na sociedade. Com isso, enfatiza-se a conjuntura de uma realidade em que as narrativas históricas também representam conjuntos específicos de silêncios (TROUILLOT, 2016), sendo percebida no ordenamento social brasileiro sob a lógica de uma formação patriarcal, sexista e racista, resultando em negligências sociais.

A narrativa histórica é construída diante de uma estrutura dominante, valorizada por uma cisheteronormatividade branca no Brasil. Nesse caso, necessita-se assimilar que as narrativas-ausentes fazem referência à ocultação de histórias, culturas e vivências de grupos

sociais, como mulheres, negros e comunidade LGBTQIAP+. Concebendo, assim, a existência de narrativas que são subalternizadas às experiências hegemônicas e normativas na sociedade, construindo uma relação de opressão a grupos dissidentes. Sobre isso, marca-se a figuração de dois dispositivos marcantes nesse cenário: o de sexualidade (FOUCAULT, 1988) e o de racialidade (CARNEIRO, 2023).

Nesse ponto, a interseccionalidade entre os dois dispositivos permite realizar a leitura sobre o contexto social brasileiro e a marca determinante das narrativas-ausentes. Parte-se da contribuição de que o dispositivo de sexualidade age sobre os corpos, a fim de buscar o controle das identidades e dos comportamentos sexuais na sociedade (FOUCAULT, 1988), já o dispositivo da racialidade apresenta a relação da raça e do poder como fator determinante na estruturação de uma sociedade racista (CARNEIRO, 2023). Esses dois processos colidem sobre a biopolítica, em que há o controle dos corpos mediante o desenvolvimento da estruturação dessas narrativas-ausentes no Brasil. Em via disso, a biopolítica manifesta-se através do biopoder que gere, sobretudo, a vida dos indivíduos, “que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto” (FOUCAULT, 1988, p. 130).

Percebe-se que as estruturas que sustentam o processo normativo são também responsáveis pela perpetuação de narrativas-ausentes, criando uma realidade cíclica de retroalimentação. Essas estruturas – racismo, sexismo, homofobia – manifestam-se social e diariamente na sociedade brasileira, perpassando pelos espaços físicos que respondem às narrativas-ausentes em resistência ou em enrijecimento. Sobre isso, evidenciam-se os museus, enquanto ambientes de evocação de debates e de diálogos construtores e perpetuadores de memórias (PINTO, 2013) por consequência, construtores também de narrativas.

A manutenção do sistema de narrativas-ausentes é gerida através de silenciamentos dos discursos sobre gênero, raça e comunidade LGBTQIAPN+. Para isso, a instrumentalização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) serve à ampliação de debates que variam entre discriminação e acolhimento. Por meio das redes sociais, a comunicação tecnológica promove a influência na formação de opinião, que transitam sobre o reforço da opressão através de algoritmos automatizados que evidenciam uma lógica social racista, sexista e lgbtfóbica (SÍVORI; PARREIRAS; PEÑA, 2023).

Nesse paralelo, alcança-se o museu que também responde a essa lógica de opressão, ao passo que o processo comunicativo faz-se dentro do aparelhamento museal. Conforme

Vèrges (2023) descreve, o museu é um espaço que deve acolher debates, em que os públicos atuem como coautores de novas narrativas. Para isso, observa-se as tecnologias digitais no processo de reestruturação e de salvaguarda para o patrimônio, a identidade e a cultura atingindo desenvolvimento da sociedade (JESUS; BARBOSA; MELLO, 2021).

As ferramentas tecnológicas aplicadas ao cenário diário da sociedade brasileira reverberam sobre episódios positivos e negativos. No futebol, por exemplo, a utilização de reconhecimento facial em estádios apresenta casos de racismo, como ocorreu na final do Campeonato Sergipano de 2024, em que um educador físico foi detido após um reconhecimento equivocado da inteligência artificial (O GLOBO, 2024). No museu, verifica-se a criação de estratégias para salvaguardar e reconstruir o patrimônio, através das inteligências artificiais e das tecnologias digitais (MOTTA; DA SILVA, 2020).

O potencial da relação museu e tecnologia estão na correlação com a interatividade e dinâmica, oferecendo uma tradução de ideias e o estabelecimento de comunicação com o público (LAPA, 2011). Nesse segmento, as exposições virtuais oferecem possibilidades diversas devido a sua capacidade de dispersão pelo território brasileiro, podendo ser utilizados na educação formal, no entretenimento. O Museu do Futebol, com a virtualização de exposições, consegue seguir além do seu objetivo inicial de promover sensações e atenção do público através da temática do futebol por meio da tecnologia (LAPA, 2011), sendo capaz de construir uma linha comunicacional ampla, absorvendo ideais possíveis de serem trabalhos e discutidos no espaço digital, com as exposições que tratam do futebol e diversidade, trazendo o foco para a prática do futebol pela comunidade LGBTQIAP+.

Nessa realidade, visualiza-se as tecnologias como possibilidade de ampliação de debates, desde que se aproxime de cenários que permitam a divulgação de estruturas de saber e de conhecimento de forma responsável. Com o intuito de manter diálogos consistentes com a relação futebol-museu através da observação das exposições virtuais do Museu do Futebol, será preciso perpassar pela compreensão sobre os futebolis e a amplitude de discursos possíveis. Em via disso, entende-se o futebol brasileiro, em sua origem, era voltado às elites e à branquitude, em que o futebol não era um espaço democrático (SOARES, 1999), assim, pode-se entendê-lo enquanto um espaço de exclusões.

Essas exclusões são marcantes nas origens e nas continuidades do processo futebolístico, visto que – apesar da popularização dentro do esporte – grupos dissidentes continuam sendo marginalizados e violentados no espaço do futebol. Em via disso, apresenta-

se os futebóis como “estratégia para afirmar a diversidade e ao mesmo tempo demarcar a diferença entre a discursividade midiática e a nossa” (DAMO, 2018, p. 45). Nesse sentido, os futebóis margeiam uma realidade de ampliação de discursos e de diálogos interseccionais que pretendem produzir qualidade e acesso aos grupos minoritários que, ainda hoje, lidam com o negligenciamento e as violências no espaço do futebol.

Diante disso, o estudo surge do anseio de observar as questões dissidentes por meio do futebol, que é permeado por preconceitos históricos e sociais sob a possibilidade de discussão com a tecnologia e o museu. Posto isto, apresenta-se a ideia de utilização do sistema que sustenta estruturas excludentes como ferramenta crítica, observando como o futebol, e suas representações em espaços museológicos – especialmente com as exposições virtuais –, pode ser ressignificado e problematizado. Para tanto, entende-se a necessidade de debate sobre o potencial social e histórico inerente ao Museu do Futebol, enquanto ponto de encaixe entre museu, futebol e tecnologia, a fim de ampliar debates e discursos positivos sobre a inserção de grupos minoritários no espaço do futebol e destituir as narrativas-ausentes no cenário histórico-social brasileiro.

Para isso, adotou-se um processo de prospecção de fontes no acervo do Museu do Futebol e a análise das exposições virtuais disponíveis. Esse processo inclui a análise de materiais relacionados à comunicação, ao jornalismo e à museologia, possibilitando a articulação de temas e questões principais que surgiam na narração histórico-expográfica das exposições. Com o intuito de compreender sobre as narrativas-ausentes no Museu do Futebol, primeiramente, fez-se a distinção entre espaço físico e digital do museu, existindo o presente interesse sobre o último. Logo, direciona-se a análise sobre as exposições online, alocadas no *Google Arts & Culture*, e o acervo digital do Museu do Futebol.

Nesse contexto, observa-se o total de 22 exposições entre os anos de 2013 e 2023. Para a compreensão das exposições, o critério de categorização das exposições foi estabelecido com base em dois aspectos principais: 1. os temas predominantes abordados em cada exposição e 2. presença de eixos temáticos discursivos (gênero, raça, identidade nacional). De modo geral, as exposições virtuais apresentam 3 temas principais: Futebol de Homens, Futebol de Mulheres e Patrimônio. Destaca-se que existem outros temas individuais, sendo: futebol nacional e diversidade; com três eixos de debate: gênero, raça e cultura; no entanto, esses pontos não aparecem obrigatoriamente nos temas e nas exposições.

Com a verificação das exposições virtuais, constata-se que existem estágios da criação e divulgação dessas comunicações, em que há um baixo volume de exposições nos anos iniciais (2013-2018), totalizando 8 exposições em 6 anos. Ainda assim, é possível visualizar a exposição “Visibilidade para o futebol feminino” (2015), que surge em diálogo com a exposição física de mesmo nome no Museu do Futebol, exposta entre 2015 e 2016 (MUSEU DO FUTEBOL, 2024). Continuamente, percebe-se um aumento entre os anos de 2019 e 2023, apresentando 14 exposições em 5 anos, neste momento, encontra-se uma maior variedade de temas e eixos, promovendo a possibilidade de debates acerca do tema.

Tabela 1 – Porcentagem (%) temática das exposições online do Museu do Futebol (2013-2023)

Tema	Quantidade	Percentual
Futebol de mulheres	8	36,4%
Futebol de homens	6	27,3%
Patrimônio	6	27,3%
Diversidade	1	4,5%
Futebol nacional	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Elaboração baseada em exposições virtuais do Museu do Futebol disponíveis online no site do museu e no *Google Arts & Culture* (2024); Elaboração pelo autor.

Na Tabela 1, observam-se os temas predominantes das exposições, destacando-se “Futebol de Mulheres” com 36,4%; “Futebol de Homens” e “Patrimônio”, ambos com 27,3%; e “Diversidade” e “Futebol Nacional”, cada um com 4,5%. Esses números refletem a realidade das exposições online do Museu do Futebol, onde se nota um aumento tanto no número de exposições quanto na variedade de temas ao longo do tempo, com o “Futebol de Mulheres” representando a maior parte das destinações das exposições.

Destaca-se, também, o papel do site e do acervo digital do Museu do Futebol, em que é possível visualizar um processo de continuidade nas exposições físicas temporárias através desses espaços virtualizados. Visto que, mesmo após a conclusão das exposições temporárias, é possível observar detalhes delas, como nome, tema, informações, vídeos e imagens, exemplo disso são as exposições “CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol” (2019 e 2023) e “Rainha de Copas” (2023). Além disso, a plataforma digital do acervo digital e o site do museu são dinâmicos, com diferentes interfaces para o manuseio e consulta, estabelecendo uma alternativa de utilização tecnológica e pedagógica das plataformas museais.

Diante dessas evidências, entende-se que existe um potencial sobre as exposições virtuais e as possibilidades na sua consolidação como meio de mediação crítica, capaz de transcender a mera função de narrar acontecimentos, oferecendo um espaço de reflexão e questionamento sobre questões sociais relacionadas ao futebol. No entanto, essa constituição precisa ser trabalhada através de uma abordagem além de descritiva, mas que se pretende a construção de plataformas problematizadoras, capazes de revelar lacunas e silenciamentos históricos e sociais. Para, além disso, o uso de plataformas digitais – como a tecnologia das exposições virtuais – permite uma interação dinâmica, em que possam contribuir no processo de conscientização sobre a necessidade de transformação esportiva, social e histórica.

Análises e resultados

Com base nas informações postas anteriormente, consegue-se entender a conjuntura operacional das exposições virtuais e dos materiais disponibilizados virtualmente pelo Museu do Futebol. De modo geral, pode-se determinar que há um processo de iniciação e de adequação nos anos iniciais das exposições (2013-2015), envolvendo temáticas abrangentes e com conexão com as exposições presenciais. Continuamente, há um desenvolvimento intermediário (2017-2018) – ressalta-se a ausência de exposições produzidas em 2016 – em que se foca em uma história patrimonial voltada a vestimentas e a uniformes. Após isso, entende-se um período de estabelecimento (2019-2023), no que é possível observar um aumento quantitativo do número de exposições, de temática e de eixos. Esse fato está relacionado à pandemia de covid-19, que promoveu o fechamento de ambientes não-essenciais e o distanciamento presencial no Brasil e no mundo, nesse sentido, impelindo a sociedade à adequação virtual de seus serviços, incluindo os museus. Assim, a utilização da tecnologia e a criação de exposições online era o meio de permitir a continuidade da missão do Museu do Futebol.

A partir da análise das exposições e dos materiais disponíveis em ambiente digital pelo Museu do Futebol é possível perceber algumas questões tangíveis para entender a persistência das narrativas-ausentes e a realidade da utilização da tecnologia como ponto de reversão dessa estrutura. É necessário destacar a presença das dissidências nas exposições, isto é, trata-se sobre questões de gênero e de raça, tornando visível a evocação de narrativas que se faziam ausentes devido às intransigências sociohistóricas. Assim, é perceptível que há a evidência de novas narrativas, a fim de debruçar sobre temáticas conflituosas no cenário

social brasileiro, possibilitando o desenvolvimento de debates e de diálogos dentro da sociedade.

As narrativas-ausentes – que cercam as vivências de mulheres, negros, comunidade LGBTQIAP+ – refletem sobre uma continuidade histórica de marginalização no futebol e nas exposições do museu. As repressões diárias vivenciadas analisadas sob o discurso de gênero e de raça no futebol, circunscreve a limitação da expressão das sexualidades nesse mesmo ambiente. A ocultação de jogadores abertamente LGBTQIAP+ no cenário do futebol profissional, mas também nas exposições – como Richarlyson, jogador da seleção brasileira – faz valer o estigma sobre a ausência de atletas de futebol pertencentes à comunidade. Essa construção, por sua vez, é simultaneamente reflexo e reforço da heteronormatividade e das masculinidades hegemônicas. Essa ideia consiste na assertividade sobre a relação entre o esporte e a dominação masculina, enquanto agentes de manutenção das estruturas patriarcais (DUNNING, 2014).

Apesar da amplitude de discussões sobre o conceito de masculinidade hegemônica apresentada por Connel e Messerschmidt (2013), é importante focar na relação territorial para com a ação da masculinidade sobre a incidência de (cis)sexismo, racismo e lgbtfofia. Em consequência, as narrativas-ausentes são estruturadas através de silenciamentos que atingem a mulher, o negro e a comunidade LGBTQIAP+. Assim, os desvios às normas estruturais (branquitude, masculinidade, heteronormatividade, cisgeneridade) são postas em xeque, construindo um sistema de repressão e de opressão sobre os grupos dissidentes. Por sua vez, há a normalização de um padrão comportamental subscrito ao preconceito e à discriminação.

No entanto, faz-se importante observar que tipo de construções são elencadas nas exposições, em que pode se fazer possível desenvolver diferentes interlocuções em resposta aos preconceitos e aos cerceamentos impostos até então. Ou seja, é crucial refletir sobre a execução e a interpretação sobre essas exposições dentro de diferentes perspectivas, enquanto papel fundamental do espaço museal. Nesse contexto, entende-se que o museu tem por função a conexão com a comunidade, permitindo a promoção de experiências conjuntas, que parte da interação entre a exposição-expográfica e o indivíduo. Segundo o Conselho Internacional dos Museus, o museu é

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento (ICOM, 2022)².

É fundamental que as atividades focadas em temas ligados a grupos dissidentes incentivem a reflexão, com a responsabilidade de todos os envolvidos em promover uma sociedade democrática por meio de uma educação transformadora (HOOKS, 2013, p. 56). Nesse contexto, a análise sobre as exposições do museu precisa estar em sinergia com essa ideia. Dentro disso, entende-se o papel fundamental de uma tramitação consciente na produção das exposições – verificando a relação entre identidade e sociedade – enquanto uma relação sensível no percurso social, sob uma ótica que não produz amplamente práticas destinadas a uma experiência de inclusão no cenário da educação (HOOKS, 2013, p. 51).

Sendo assim, ao considerar a exposição “Primeiro Mundial de Mulheres na China” (2023), observa-se a apresentação da ida das jogadoras brasileiras ao Torneio Experimental de 1988, reconhecido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), tratando do percurso, da experiência e das dificuldades enfrentadas pelas jogadoras brasileiras e comissão técnica através das memórias da jornalista Claudia Silva (MUSEU DO FUTEBOL, 2023). Nesse caso, destaca-se o debate de gênero e de raça, ao que se apresenta as dificuldades das jogadoras com a ausência de compromisso da Comissão Brasileira de Futebol (CBF) com o futebol de mulheres, expostas à necessidade de utilização de uniformes masculinos – que precisavam ser lavados pós-jogo devido à indisponibilidade de outros – e caneleiras de papelão (MUSEU DO FUTEBOL, 2023).

Essa constante debilidade quanto à disponibilização de recursos ao futebol de mulheres é uma realidade tangente até o presente momento, porém com nuances interessantes e alarmantes. De acordo com Goellner (2007, p. 176), “o fazer das mulheres foi narrado a partir da ideia de um sujeito genérico universal representado, nas sociedades ocidentais, como sendo o homem, branco, heterossexual e cristão”, logo, visualiza-se a estruturação da nossa realidade enquanto detentora de narrativas-ausentes.

Até 2019, a seleção brasileira de mulheres ainda apresentava uniforme adaptado da seleção de homens, bastante destacado pelo uso das 5 estrelas que marcam o título do pentacampeonato mundial (NUNES, 2023). Atualmente, a *Nike* – fornecedora de materiais da

² Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em 2 nov. 2024.

CBF – implementou uma tecnologia na produção dos shorts dos uniformes que visam promover o conforto para as jogadoras no período menstrual (GRANCHI, 2023), ou seja, é visível uma mudança significativa sobre os investimentos ao futebol de mulheres. Entretanto, esse cenário não é aplicável a toda conjuntura futebolística do Brasil, visto que, ainda hoje, é possível visualizar frequentes denúncias de jogadoras contra times quanto aos investimentos e às negligências.

O debate sobre o futebol no Brasil transita por negligências sociais, políticas e econômicas. Nesse contexto, ao relacionar o esporte – especialmente o futebol – com a estruturação do binarismo que delimita as categorias “feminino” e “masculino”, observa-se a imposição de sujeitos por meio de construções sociais e políticas (GOELLNER, 2010). Diante das imposições binárias – sustentadas e reforçadas também pelo racismo e sexismo –, a tecnologia surge como uma ferramenta para evocar debates e promover a dispersão do conhecimento, pela sua capacidade de acessibilidade, manuseabilidade pedagógica e potencial educativo. Assim, ao considerar o futebol como um espaço onde preconceitos são frequentemente manifestados, a utilização de plataformas tecnológicas possibilita a inclusão de debates e a reconstrução dos sistemas de hierarquização e discriminação, que contribui para a disseminação do conhecimento e a reestruturação das dinâmicas de poder e exclusão.

Por meio das exposições virtuais, é possível observar a evidenciação das temáticas de gênero, raça e classe – como já pontuado –, porém, não se estende a discussão sobre o que se permite e perpetua essas condições para além dessas exposições, como seria possível de ser destacado nas exposições de eixo patrimonial, como a “Estilo em Campo: Acessórios, cores e tecnologias na moda do futebol” (2017) e a “A História da Camisa Canarinho: Como o amarelo-ouro passou a vestir o Brasil” (2017). Essas duas exposições apresentam a história da camisa da seleção brasileira e a relação identitária inerente ao uniforme, entretanto, não discute fatores sociais e políticos que circunscrevem o uniforme ao gênero masculino, ignorando o corpo e a identidade da mulher jogadora de futebol. Em conformidade, Perrot (2008, p. 447) apresenta que “o corpo está no centro de toda relação de poder”, porém, que o corpo da mulher sempre pertence a outro sujeito, essencialmente, masculino. De tal modo, as narrativas-ausentes emergem de uma realidade substancial de dominações que atingem os grupos minoritários em cenários diversos.

Outro ponto de destaque refere-se a presença das mulheres no futebol, para além do exercício de jogadoras, isto é, árbitras, torcedoras e jornalistas também foram limitadas pelo

ambiente sexista do futebol. A exposição “Lea Campos, a primeira árbitra” (2019) promove um diálogo instigante, apresentando a vida e a memória de Lea, apaixonada por futebol enquanto criança até sua luta para ascender como jornalista esportiva e árbitra de futebol (MUSEU DO FUTEBOL, 2019). Ao se tratar de futebol, compreende-se seu espaço de prática – intra e extracampo – são dominados por homens e pela masculinidade hegemônica, assim, a presença da mulher permitiu a emergência de um discurso sexista e machista de transformação da prática do futebol – da brutalidade para a feminilidade. Essa prática discursiva dialoga com os preconceitos e a discriminação que atinge a mulher e a comunidade LGBTQIAP+.

Esse cenário tange um processo social e histórico que envolve questões pertinentes como a performatividade da masculinidade e a homossociabilidade no futebol, conduzindo sobre práticas visíveis em estádios, torcidas e mídia (SOUZA, 2020). A realidade social da época da Lea, calcada no patriarcalismo – em que a mulher deveria estar à serviço do homem dentro do espaço privado – era continuado com essa cultura de inferiorização e discriminação. Mas a resistência e a insistência de Lea promoveu o alcance de seu objetivo, porém, é preciso entender que essa divisão sexual do trabalho responde a também além do gênero, a dispositivos raciais.

Segundo Gonzalez (2020, p. 129),

[...] o feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas.

Esse discurso é bastante presente, quando se analisa a atual realidade do futebol, em que existe uma dificuldade tangente de verificar o exercício de árbitras e de árbitras negras no futebol. Ou seja, a luta e a resistência de Lea é um marco para a história do futebol, no entanto, é preciso considerar a latente quanto aos segmentos após sua conquista. Ao analisar a relação de árbitros disponibilizados no site da CBF, é possível observar a estruturação da realidade atual. Isto é, dos 350 árbitros registrados na CBF, apenas 30 são mulheres, totalizando o percentual de 8,58%. Dessas 30 mulheres, apenas 6 são mulheres pretas, atingindo um total de 20% do corpo de árbitras da CBF em 2024, como visto na Tabela 2,

permitindo perceber a dilatação entre a presença de mulheres brancas e negras no espaço intra-campo.

Tabela 2 – Porcentagem (%) de árbitras branca, pretas e pardas pela CBF (2024)

Raça	Quantidade	Percentual
Branças	23	76,7%
Pretas	6	20%
Pardas	1	3,3%
Total	30	100%

Fonte: Elaboração baseada nos dados disponibilizados no site da CBF/ Elaboração pelo autor.

Em relação a essa questão, é necessário salientar que arbitragens femininas no futebol brasileiro e mundial ainda é questionada e desvalorizada. Na Eurocopa de 2024, uma competição tradicional e importante para o futebol mundial, a arbitragem será totalmente feita por homens em 51 jogos, enquanto isso, a Copa América de 2024 contará com 8 mulheres entre 101 pessoas disponíveis para a arbitragem (DIBRADORAS, 2024). Ou seja, verifica-se que ainda hoje se visualiza a exclusão ou a limitação de mulheres a esse espaço por meio da concepção e regulamentação dos jogos.

Nesse caso, percebe-se que há uma relação causal entre o não-pertencimento e a não-representatividade com o afastamento de pessoas negras do espaço do futebol. Estabelecendo, assim, um debate necessário em torno da interseccionalidade entre o gênero e a raça, em que as narrativas-ausentes fazem-se ainda mais presentes, no momento em que esses pontos não são destacados em demais exposições. Na origem da prática do futebol no Brasil, a elitização do esporte, mesclada ao racismo estrutural, foi marcante na construção do ideal de futebol no país. A imposição da branquitude no cenário futebolístico transformava as vivências das pessoas para o exercício do esporte, que podem ser visualizadas até hoje. Paralelo a isso, Rodrigues Filho (2010) manifesta a importância da presença do negro para a popularização e a democratização do futebol no Brasil, porém, se observado a interseccionalidade entre gênero e raça, percebe-se a dilatação entre a presença da mulher negra no esporte, como

observado na Tabela 2, visualizando a construção de perfis de sexualização e de objetificação do corpo negro no ambiente desportivo.

Essa realidade é verificada diante a persistência de uma matriz colonial, que gere as relações sociais de poder, normatizando o aspecto da branquitude detentora do progresso (CHIÉS, 2024). Por sua vez, ao observar a representação de mulheres no futebol através das imagens criadas no século XX, avistam-se abordagens preconceituosas, destacando a sexualização da mulher branca, ao passo que, as mulheres negras não são mencionadas, como analisado nas exposições e no acervo digital do Museu do Futebol.

Figura 1 – “Se a moda pega”, da *Revista Cigarra* (1922)



Fonte: Revista A Cigarra/Arquivo do Estado de São Paulo/
Acervo digital do Museu do Futebol

Na Revista Cigarra, a ilustração (Fig. 1) tem como título “Se a moda pega...” (1922), apresentando a presença da figura da mulher branca sexualizada no campo de futebol, apontando e ironizando um rumor que surgiu no Rio de Janeiro de uma mulher que apitou

uma partida de futebol (MUSEU DO FUTEBOL, 2015). Assim, a ilustração transmite é capaz de traduzir inúmeras ideias, que dialogam com a discussão aqui apresentada, perpassando pela sexualização da mulher e pela dissolução da masculinidade. O contexto permite um discurso de instrumentalização da imagem da presença da mulher no futebol, a fim de ridicularizar e diminuir a figura da mulher, porém, apresentando consequências que transitam sobre o espaço do universo masculino e das homosociabilidades em campo, enquanto processos de violências simbólicas (ALMEIDA; SOARES, 2012).

Figura 2 – “Tânia” no jornal Gazeta de Sergipe (1988)



Fonte: Gazeta de Sergipe / Jornais de Sergipe

Embora as mulheres tenham sido inicialmente proibidas e depois limitadas na prática do futebol, sua imagem foi explorada para atender aos desejos da sociedade patriarcal e sexista (GONZALEZ, 2020). Na Figura 2, visualizamos a imagem de Tânia – presente na coluna “À Beira do Gramado”, do Jornal Gazeta de Sergipe (1988), escrita por Givaldo Batista – que desfilou com trajes íntimos na festa das faixas do Confiança, destacando que a coluna de esporte também poderia apresentar além de jogadores e dirigentes. No entanto, essa construção está trilhada sobre a figuração de uma realidade que persiste em reduzir a mulher no futebol ao espaço da sexualização e da fetichização (GONZALEZ, 2020).

Essa condição imposta à ideia da mulher no futebol é continuada por meio do tempo, diante de discursos e de práticas que são estruturadas e enraizadas na cultura do futebol, através de periódicos, como jornais e revistas, compreendidos como meios de divulgação de informações e de criação de saberes. Nessa perspectiva, é possível visualizar a ascensão do pensamento da sociedade mediante esses instrumentos e que, por sua vez, são cabíveis de serem implementados dentro dos espaços culturais e educacionais, como os museus. Essa relação precisa ser compreendida em um processo cíclico de formação e de continuidades de pensamentos.

Figura 3 – Futebol feminino: as garotas batem um bolão (1995)



Fonte: Revista Placar, nº 1106, Agosto de 1995 / Google Books

Entre exaltação e ridicularização, a Figura 3 destaca, na Revista Placar (1995), a ascensão do futebol feminino no Brasil, apropriando-se de um humor satírico, endereçando aos seus leitores as qualidades e as dificuldades das mulheres no futebol, perpassando sempre pelo desejo e fetiche sobre a imagem das mulheres. Caso visto, através da capa, das matérias e das imagens apresentadas na edição n. 1106 de agosto de 1995, em que colunistas destacam as:

Perninhas de fora, chuteiras pequenas, top nos seios, as garotas finalmente descobriram a paixão pela bola. Depois da Copa do Mundo, o futebol feminino explodiu. As escolinhas estão cheias de garotas querendo apresentar a dar um chute direito, a driblar a adversária (SEGALLA & GARCIA, 1995, p. 33).

Com isso, percebe-se que há um avanço no tratamento sobre o futebol de mulheres que parte da proibição para um destaque sexualizado no espaço do futebol. Tanto a revista, quanto o jornal, destacam um pensamento voltado a apropriação dos corpos de mulheres a fim de atingir incisivamente um público: os homens. Nesse sentido, o destaque às mulheres no futebol é atribuído ao pensamento social da época que não, necessariamente, objetivava exaltar a figura da mulher no esporte, mas sim direcionar a visualização e o pensamento da mulher sob a perspectiva do sexismo, do patriarcalismo e do racismo.

Considerações finais

A relação entre o futebol e as dissidências sociais reverbera sobre um debate que cerca os futebolis, sobressaindo discursos de gênero e de raça, sob a realidade histórico-cultural de uma sociedade brasileira calcada no sexismo, no racismo e no machismo. Demonstrando, assim, uma estrutura social excludente, em que narrativas-ausentes refletem justamente os embates sociais intra e extracampo de futebol, atingindo jogadoras, árbitras, jornalistas e torcedoras. Em meio a isso, observa-se uma estrutura de narrativas que iniciam-se socialmente e são perpetuadas por intermédio dos gêneros discursivos, em revistas, jornais e museus, que devem ser analisados como meio de modificar a realidade do futebol brasileiro.

Neste contexto, analisou-se a possibilidade de ampliação das discussões sobre a realidade do futebol, a partir de diálogos possíveis que surgem a partir do espaço museal e estendem-se para outros alcances sociais. Assim, a intersecção entre museu e futebol, exemplificado no ambiente do Museu do Futebol, suas exposições online e acervo digital, proporcionam uma construção de diálogos imersivos sobre a temática.

Nesse caso, este estudo investigou as narrativas ausentes no futebol e a possibilidade de sua dissolução por meio da relação entre museu e tecnologia. A análise mostrou que o Museu do Futebol tem se esforçado para evidenciar novas narrativas, promovendo debates sobre questões de gênero e raça. Por vez, as exposições online entre 2013 e 2023 abordaram temas variados, com destaque para o futebol de mulheres e questões de diversidade. No entanto, é necessário um compromisso contínuo com a promoção de uma sociedade democrática e inclusiva. Diante disso, a análise das exposições revelou a importância de refletir sobre como essas histórias são contadas e interpretadas, garantindo que as práticas museológicas promovam uma educação transformadora.

Além disso, o papel do museu como espaço de construção e perpetuação de memórias deve ser continuamente reforçado. A presença de exposições virtuais que abordam as dificuldades históricas e contemporâneas enfrentadas por grupos dissidentes no futebol é vital para uma compreensão completa das mudanças e continuidades no cenário futebolístico brasileiro. Por fim, a análise revelou a necessidade de ampliar e aprofundar os diálogos sobre as dissidências no futebol, utilizando a tecnologia como ferramenta para alcançar um público mais amplo e diversificado. Assim, espera-se que o Museu do Futebol continue a desempenhar um papel fundamental na reversão das narrativas ausentes e na promoção de um ambiente inclusivo e democrático no esporte.

Referências

- ALMEIDA, Marco; SOARES, Alessandro. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Revista Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 1, jan-mar, p. 301-321, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115323634015.pdf>. Acesso em: 9 ou. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHIÉS, Paula. Decolonialidade e esporte: mulheres negras na linha de chegada. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 28, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17217/13510>. Acesso em: 10 out. 2024.
- COMISSÃO Brasileira de Futebol. Relação de Árbitros. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/relacao-arbitros>. Acesso em: 20 de junho de 2024
- CONTRA-ATAQUE! As mulheres do futebol. **Museu do Futebol**, 2023. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/contra-ataque-as-mulheres-do-futebol-em-araraquara/>. Acesso em 27 de jun. 2024.
- CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan-abr, 241-282, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v21n01/v21n01a14.pdf>. Acesso em: 8 out. 2024.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129–156, 2003. DOI: 10.22456/1982-8918.2807. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2807>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- DAMO, A. S. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG** (Belo Horizonte), n. 3, v. 3, p. 37–66, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>. Acesso em: 18 de junho de 2024.

DUNNING, Eric. “O esporte como um domínio masculino: observações sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações”. In: REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Anablume, 2014. p. 233-254.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FUTEBOL feminino: as garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo!). **Revista Placar**. Editora Abril, n. 1106, ago. 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=dnD_Gfc1IhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 out. 2024.

GOELLNER, Silvana. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar., 2010. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984/556>. Acesso em: 8 out. 2024.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai-ago, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3554/1953>. Acesso em: 8 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020, p. 127-138..

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.

GRANCHI, Giulia. O motivo de mudança inédita no uniforme da seleção feminina de futebol. **BBC News**, 2023, São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c04vjdzjxp8o>. Acesso em: 27 de jun. 2024.

JESUS, Priscila; BARBOSA, O; MELLO, Janaina. Museus, turismo e o uso de ferramentas tecnológicas. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 8, 2021. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/271>. Acesso em: 9 out. 2024.

LAPA, Rodrigo Amaral. **Museu, arte e tecnologia: as transformações dos museus contemporâneos influenciadas pelas TIC's**. 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, University of São Paulo, São Carlos, 2012. doi:10.11606/D.18.2012.tde-01062012-141408. Acesso em: 2024-10-10.

LEA Campos, a primeira árbitra. **Museu do Futebol**, 2019. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/lea-campos-a-primeira-arbitra/>. Acesso em: Acesso em: 27 de jun. 2024.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 37, p. 179–188, 1999.

MEDINA, Natalia; NUNES, Luana. Pela primeira vez, Seleção Feminina joga uma Copa sem estrelas no brasão de suas camisas. **Mídia ninja**, 2023. Disponível em: [https://midianinja.org/pela-primeira-vez-selecao-feminina-joga-uma-copa-sem-estrelas-no-brasao-de-suas-](https://midianinja.org/pela-primeira-vez-selecao-feminina-joga-uma-copa-sem-estrelas-no-brasao-de-suas-camisas/#:~:text=Mais%20uma%20vez%2C%20no%20primeiro,pentacampeonato%20em%200Copas%20do%20Mundo)

[camisas/#:~:text=Mais%20uma%20vez%2C%20no%20primeiro,pentacampeonato%20em%200Copas%20do%20Mundo](https://midianinja.org/pela-primeira-vez-selecao-feminina-joga-uma-copa-sem-estrelas-no-brasao-de-suas-camisas/#:~:text=Mais%20uma%20vez%2C%20no%20primeiro,pentacampeonato%20em%200Copas%20do%20Mundo). Acesso em: 27 de jun. 2024.

MOTTA, Fernanda; DA SILVA, Ronaldo. A adoção de tecnologias digitais na reconstrução do patrimônio: relato da experiência do Museu Nacional, Brasil. **Revista Inf. & Soc**, João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 1-16, abr.-jun., 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Ronaldo-Rodrigues-Da-Silva/publication/343753494_A_adocao_de_tecnologias_digitais_na_reconstrucao_do_Patrimonio_relato_da_experiencia_do_Museu_Nacional_Brasil/links/5f599bcea6fdcc116404828f/A-adocao-de-tecnologias-digitais-na-reconstrucao-do-Patrimonio-relato-da-experiencia-do-Museu-Nacional-Brasil.pdf. Acesso em: 9 out. 2024.

MUSEU do Futebol. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br>. Acesso em: 7 out. 2024.

NOVA definição de museu, **ICOM**, 2024. Disponível em:

https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 22 de junho de 2024.

PERROT, Michelle. Corpos subjugados. In: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 447-454.

PINTO, Suely. Museu e arquivo como lugares de memória. **Museologia & Interdisciplinaridade** (Brasília), n. 3, v. 2, p. 89-102, maio-junho, 2013. DOI:

10.26512/museologia.v2i3.16689. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16689>. Acesso em: 25 jun. 2024.

POR que não há mulheres na arbitragem da Euro?. **Dibradoras**, 2024. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C8cX8cUOzJ3/?img_index=1. Acesso em: 27 de jun. de 2024.

PRIMEIRO mundial de mulheres na China. **Google Arts and Culture**, 2023. Disponível em:

https://artsandculture.google.com/story/VAXhD4nQD1g_MA. Acesso em 27 de jun. 2024.

RAINHAS de copas. **Museu do Futebol**, 2023. Disponível em:

<https://museudofutebol.org.br/exposicoes/rainhas-de-copas/>. Acesso em 27 de jun. 2024.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 5ª ed, 2010.

RÜSEN, Jorn. Narração histórica: fundações, tipo, razão. In: MALERBA, Jurandir (Org.).

História & Narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis: Vozes, 2016.

SEGALLA, Amauri; GARCIA, Sérgio. Homens, chegamos. **Revista Placar**, n. 1106, agosto, 1995. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=dnD_Gfc1IhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 de jun. 2024.

SÍVORI, Horacio; PARREIRAS, Carolina; PEÑA, Paz. Apresentação: Por que perspectivas latino-americanas sobre feminismo, gênero e sexualidade em tecnologias digitais.

Sexualidade, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, 2023.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sess/a/bRgnpTCKt5QvtBRffLvYtyF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 9 out. 2024.

SOARES, Antonio. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Estudos históricos**, n. 23, v. 13, p. 119-146, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2087>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

SOUZA, Daniel. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 222-231, 2020. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2817>. Acesso em: 9 out. 2024.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TANIA. **Gazeta de Sergipe**, n. 8961, 27 set. 1988.

TORCEDOR do Confiança relata ter sido conduzido pela PM por erro de reconhecimento facial; veja vídeo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2024/04/15/torcedor-do-confianca-relata-ter-sido-conduzido-pela-pm-por-erro-de-reconhecimento-facial-veja-video.ghtml>. Acesso em: 9 out 2024.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Curitiba: huya, 2016.

VERGÈS, Françoise. **Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

VISIBILIDADE para o futebol feminino. **Museu do Futebol**, 2015. Disponível em: <https://dados.museudofutebol.org.br/2d#/tipo:eventos/612628,Visibilidade%20para%20o%20Futebol%20Feminino>. Acesso em 27 de jun. 2024.

Recebido em: 25 de julho de 2024
Aceito em: 27 de outubro de 2024
